

UM ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES E O EXERCÍCIO LABORAL DAS TRABALHADORAS-ESTUDANTES DA EJA

Elisama da Paixão Gomes¹

Orientador(a): Dr. Daniela Maria Ferreira²

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as trajetórias escolares das estudantes da EJA e suas conexões com o exercício laboral. Para tanto, foi feita a aplicação de um questionário socioeconômico e um conjunto de entrevistas semi-estruturada com cinco informantes, estudantes de uma escola pública municipal do Recife/PE. Os resultados mostram, por um lado, que o afastamento ou impossibilidade de frequentar a escola na idade adequada está fortemente atrelada à subsistência, através da realização de atividade laboral desde cedo, e, por outro, que o retorno à escola na fase adulta/idososa está associado ao desejo de aprender a ler e escrever, à retomada do direito à educação, autonomia e vida digna.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Mulheres; Trabalho

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre as trajetórias escolares das estudantes da EJA e suas conexões com o exercício laboral. A Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996 e destina-se àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Ressalta-se em lei que os sistemas de ensino garantirão oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho (Brasil, 2017).

A EJA, atualmente, segundo o Censo Escolar da Educação Básica 2022, é composta predominantemente por alunos com menos de 30 anos, que representam 50,3% das matrículas. Nessa mesma faixa etária, os alunos do sexo masculino são maioria, 55,0%. Por outro lado, observa-se que as matrículas de estudantes acima de 30 anos são predominantemente compostas pelo sexo feminino, 58,9% (Brasil, 2023). Logo, a pesquisa se desdobra sobre esse quantitativo expressivo de mulheres que, na fase adulta e idosa, são maioria na EJA e que, portanto, possuem trajetórias e histórias relevantes como sujeitos da pesquisa.

Entendemos que as trajetórias dessas mulheres estudantes, que não tiveram acesso ou lhes foi negado acesso à escolarização na idade adequada, se interligam

¹ Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE. Email: elisama.paixao@ufpe.br

² Professora do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação- Centro de Educação - UFPE. Email:daniela.maria@ufpe.br

com as dinâmicas do mundo de trabalho. Para responder a pergunta da pesquisa: qual a relação entre trabalho e educação na vida das trabalhadoras-estudantes da EJA?. É de suma importância, em nossa análise, compreender como as dimensões raciais, de gênero e de classe social, por exemplo, se constituem em elementos cruciais para compreendermos o afastamento e o retorno à escola (Barreto; Musial, 2021).

Para alcançar um aprofundamento e compreensão dessa realidade delimitamos como objetivos específicos: 1) reconstituir a trajetória educacional das estudantes da EJA, pontuando as principais dificuldades de permanência na escola; 2) identificar as experiências de trabalho das estudantes da EJA e, por fim, 3) refletir sobre a atuação da mulher no mundo do trabalho e a conciliação com a escolarização.

Essa pesquisa torna-se importante para entendermos como que a educação está intrinsecamente ligada à luta por justiça social (Hooks, 2013) e que, sendo as mulheres maioria em nosso país, é parte significativa nessa luta pelo fim das desigualdades e discriminação. A noção de interseccionalidade, mobilizada na presente pesquisa, nos permitiu identificar como a educação e as relações no mundo do trabalho, a partir do estudo das trajetórias das educandas da EJA, se correlacionam com os conteúdos raciais e de gênero (Crenshaw, 2002).

Os caminhos metodológicos da pesquisa em questão se deram inicialmente com a escolha de uma escola pública municipal na cidade do Recife que oferta a modalidade EJA, tendo em seu quadro de educandos, mulheres acima de 40 anos. Foi feita a aplicação de um questionário socioeconômico e entrevista semi-estruturada com cinco informantes. A fim de dar conta dos objetivos delimitados, reconstruímos as trajetórias das estudantes-trabalhadoras e comparamos com os resultados de outras pesquisas que tratam sobre a temática.

Para melhor exposição e entendimento da pesquisa, o artigo está dividido em 4 tópicos: 1) Trabalhadoras-estudantes da EJA: A atuação da mulher no mundo do trabalho e a conciliação com a escolarização; 2) Metodologia e perfil dos sujeitos da pesquisa; 3) Análise e discussão dos dados e 4) as Considerações Finais.

Para compreensão do cenário que estrutura as trajetórias socioeducacionais no país, alguns dados são importantes. Segundo o IBGE (2022), em 2021, 62,5 milhões de pessoas (29,4% da população do Brasil) estavam na pobreza e a

proporção de pretos e pardos abaixo da linha de pobreza (37,7%) é praticamente o dobro da proporção de brancos (18,6%).

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua: Educação 2022, por sua vez, nos mostra que a proporção de pessoas de 25 anos ou mais que terminaram pelo menos a educação básica obrigatória – ou seja, concluíram, no mínimo, o ensino médio – chegou a 53,2% em 2022. No entanto, para as pessoas autodeclaradas preta ou parda, esse percentual foi de 47,0%, enquanto entre as brancas a proporção era de 60,7%, uma diferença de 13,7 p.p.

Isso indica que as oportunidades educacionais ainda são desiguais para a população preta e parda, colocadas também em uma estatística significativa de pobreza quando feito o cruzamento desses dados. Há de se pontuar também as desigualdades de gênero e renda, que se tornam questões cruciais para superação dessas dificuldades que atravessam a juventude e a vida adulta como um tempo de direitos humanos, mas também de sua negação (Arroyo, 2005).

Trabalhadoras-estudantes da EJA: A atuação da mulher no mundo do trabalho e a conciliação com a escolarização

Para fundamentar e analisar nosso material de pesquisa, utilizamos os estudos que tratam das trajetórias de mulheres na EJA no Brasil, em especial, as pesquisas dos autores Barreto e Musial (2021), Azevedo (2017), Navaz; Sant’Anna; Tesseler (2013), Eiterer; Dias; Coura (2014), Godinho; Brandão; Noronha (2017).

A pesquisa realizada por Barreto e Musial (2021), intitulada “Mulheres da classe trabalhadora na EJA: Processos de escolarização e conciliação com o trabalho” aponta que os itinerários de mulheres da e na EJA são marcados pela negação de direitos e discriminação vivida a gerações, que reverberam nas escolhas dessas mulheres cotidianamente. Segundo Barreto e Musial (2021)

quando falamos das/os sujeitas/os da e na EJA, abordamos, indissociavelmente, percursos de pessoas marcadas pelo trabalho infantil. [...] Articular as trajetórias das estudantes [...], é reconstruir os itinerários de desigualdades estruturais do povo brasileiro (p. 15)

As autoras revelam ainda que os processos de escolarização na infância e adolescência das mulheres são marcados pela ausência de recursos financeiros e de agressões físicas advindas de familiares (Barreto; Musial, 2021). A ausência de direitos básicos e proteção, cuidado e afeto dessas crianças e adolescentes, que não são vistas como crianças e sim pessoas adultas, são retratos da discriminação

enraizada e naturalizada, tida como um fato da vida, devido a estrutura social desigual de nosso país (Crenshaw, 2002).

Diante do modelo de sociedade constituído, o espaço para escolarização de mulheres negras, pobres e periféricas parece não existir. Essas desigualdades estruturais são barreiras somadas às exigências do mundo do trabalho, que as exprime devido a condição de não escolarizadas, a se sujeitar a informalidade e ao subemprego (Barreto; Musial, 2021).

Azevedo (2017) analisa em sua pesquisa “Da maternagem aos bancos escolares: Desafios da permanência de mulheres/mães na EJA” as trajetórias de mulheres mães que encontram na escolarização a motivação para empoderamento e melhoria na qualidade de vida. Para tanto, a autora aponta a necessidade de fazer atenção às questões de gênero históricas, que ditam os comportamentos das mulheres (a exemplo dos cuidados domésticos) na sociedade para se entender onde se focaliza os caminhos para a emancipação. A autora coloca que

refletir sobre a inclusão das mulheres na modalidade de ensino EJA e suas repercussões implica o resgate da opressão patriarcal [...]. A sociedade machista é um dos fatores que podem causar entraves no acesso da mulher à escolarização (p. 26)

Conforme aponta Azevedo (2017), as faixas das mulheres que retornam à escola variam entre 18 a 50 anos; fato que, segundo a autora, demonstra uma diversidade de histórias que se entrelaçam em várias épocas. Além disso, a maioria delas são casadas e mães, uma das principais causas do afastamento escolar e exercem ocupações de menor prestígio social (diarista, manicure, cozinheira, costureira, auxiliar de limpeza). O retorno à escola é vivido como uma espécie de superação da relação patriarcal e doméstica de submissão.

A pesquisa de Navaz, Sant’Anna e Tesseler (2013) intitulada “Gênero e Educação de Jovens e Adultos: A histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder” aponta que as hierarquias de gênero ao interagirem com as de raça e de classe acabam por construir papéis sociais que colocam as mulheres como frágeis e destinadas a maternidade e trabalhos domésticos. As autoras também pontuam que as mulheres brancas e negras situam-se em posições bastante distintas com relação ao prestígio desfrutado pelas carreiras nas quais predominantemente se inserem (Navaz; Sant’Anna; Tesseler, 2013).

“A necessidade de preservar o espaço dos homens no mercado de trabalho impôs-se às mulheres através de discursos que propunham a fragilidade feminina e

idealizavam o papel da maternidade e da mulher no lar” (Navaz; Sant’Anna; Tesseler, 2013, p. 6). Pesquisas atuais comprovam que os índices de abandono escolar desse público são ainda maiores, demonstrando que esses estigmas postos estão presentes nas principais causas do afastamento de mulheres da escolarização. Segundo o IBGE (2022), para as mulheres (a partir dos 15 anos), o principal motivo para o abandono escolar foi a necessidade de trabalhar (24,0%), seguido de gravidez (22,4%) e não ter interesse em estudar (21,5%). Além disso, 10,3% indicaram realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas como o principal motivo de terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto para homens esse percentual foi inexpressivo (0,6%).

Diferentemente do público masculino que atribui o retorno à escola à expectativa de melhor colocação e melhor remuneração no mercado de trabalho, as mulheres, em sua grande maioria, desejam retornar aos estudos para auxiliar e acompanhar melhor os filhos e filhas na escola. Esta constatação revela que, para as mulheres, a divisão sexual de tarefas domésticas e de cuidados de outros significou acúmulo de desvantagens sociais com o encurtamento de perspectivas futuras de suas independências (Navaz; Sant’Anna; Tesseler, 2013).

Eiterer, Dias e Coura (2014), ao tratarem dos aspectos da escolarização de mulheres na EJA, afirmam que podemos questionar a ideia de hierarquização, recordando que não há, em essência, trabalho que seja em si mesmo feminino ou masculino. As atribuições sociais estabelecem esses lugares e podem ser alteradas. As autoras afirmam que

efetivamente, o trabalho feminino se caracteriza, em grande parte, como de cuidado e dentro desta categoria encontra-se o trabalho doméstico. Na sua dupla natureza, como trabalho remunerado e não remunerado, o trabalho doméstico é, em grande parte, trabalho de natureza reprodutiva (p.8)

Assim, o retorno à escolarização é marcado pela contínua administração do tempo com vistas a dar conta das demandas escolares e cotidianas. Embora a possibilidade de melhor remuneração e maior presença no processo de escolarização dos filhos/as tenham contribuído para o retorno destas mulheres à escola, a necessidade de conciliar os estudos com as atividades domésticas e/ou as jornadas de trabalho remunerado, acaba provocando um novo afastamento da escola. Como então “as mães sobrecarregadas conseguem acompanhar a escolarização dos filhos? Se não têm acesso à escola, não têm as competências

necessárias para tanto, se têm acesso à escola, não lhes sobra tempo algum para fazê-lo” (Eiterer; Dias; Coura, 2014, p. 12).

Godinho, Brandão e Noronha (2017), partindo de uma perspectiva diferente, colocam o trabalho como uma das categorias centrais na construção de saberes não escolares que as mulheres trabalhadoras da EJA mobilizam ao longo do processo de aprendizagem na escola. Por ser uma atividade humana central de produção da vida, o trabalho é uma prática social constitutiva não só do patrimônio de saberes, mas também da própria identidade destes sujeitos.

A pesquisa dos autores mostra que muitas alunas da EJA tiveram suas primeiras experiências de trabalho na infância, sendo trabalho doméstico remunerado e não remunerado, seguido de ocupações na área de comércio e serviços, algumas na forma de trabalho informal precário (vendedora ambulante e outros). Diante de um trabalho insuficiente para a própria subsistência e da família, as mulheres procuram a escola na esperança de obter a certificação escolar e, com isso, melhores posições no mercado de trabalho. O trabalho, portanto, está diretamente relacionado às motivações para a retomada dos estudos (Godinho; Brandão; Noronha, 2017). Os autores ainda pontuam que dentro dessa problemática

diante das experiências de trabalho das mulheres, compreendemos que a escola tenha contribuições importantes a dar no sentido de fazer da escolarização uma experiência de produção de leitura crítica do mundo e de si mesmas,[...] o seu acesso a direitos fundamentais para uma vida digna (p. 9)

Identificamos a partir do que foi exposto que a relação trabalho e educação na vida das trabalhadoras-estudantes da EJA são atravessadas por dinâmicas parecidas onde os fatores sociais, raciais e de gênero são os meios pelos quais os caminhos desses sujeitos são traçados. Ocorre então uma interligação com dois fatores cruciais: de subsistência através da atividade laboral remunerada, sendo ela formal ou informal, e da educação como possibilidade de melhor colocação no mundo do trabalho, frente ao desejo de autonomia e vida digna.

METODOLOGIA

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, responde a questões muito particulares, sobre a temática de educação e trabalho, por tratar de um universo de significados, valores e atitudes que são mobilizados pelos sujeitos da pesquisa (Minayo, 2002). No contato com as estudantes, nos preocupamos em entender e

respeitar seus receios em tratar de momentos tão sensíveis de suas vidas, pois os atravessamentos de suas trajetórias são fatos que as tomam e as constituem.

Como instrumento de pesquisa fizemos uso de questionário e entrevistas semi-estruturadas com a finalidade de produzir informações sobre os processos de escolarização e as experiências no mundo do trabalho das mulheres trabalhadoras-estudantes da EJA.

O campo de pesquisa escolhido pela proximidade da localização e por ter em seu quadro de educandos mulheres acima de 40 anos, matriculadas nos módulos iniciais da Educação de Jovens e Adultos, foi uma escola municipal, na cidade do Recife/PE. Após a apresentação com a professora e os/as educandos/as, foi feito o convite para participação da pesquisa. Apenas cinco mulheres se dispuseram a participar.

Após a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido e esclarecimento das dúvidas, foi feita a assinatura do mesmo pelas informantes, no dia da entrevista em questão já programada. Foi então reservada uma sala para que as informantes, uma por vez, respondessem ao questionário socioeconômico e dessem a entrevista.

Para a realização da entrevista semi-estruturada utilizamos um roteiro de perguntas elaborado a partir do esquema exposto por Manzini (2003), que pontua o cuidado que devemos ter ao elaborar perguntas com “conteúdo exposto e intencional a fim de verificar se nossas intenções de pesquisa coincidem com as intenções das perguntas” (p.23). Ressaltamos ainda que a entrevista não é uma mera conversa, ela permite a coleta de informações e fatos que atravessam a realidade dos sujeitos, e por isso ela se torna uma técnica de trabalho muito significativa em pesquisas em educação (Minayo, 2002).

Foram escolhidas mulheres trabalhadoras que exerçam ou não atividade laboral, remunerada, formal ou informal. Esse recorte se deu por entender que esse público possui uma significativa experiência de vida escolar e de trabalho sendo essas mulheres parte dos segmentos excluídos socialmente, por serem pretas e pardas, em vulnerabilidade social e periféricas (Barreto; Musial, 2021).

Para embasamento da abordagem desse público na pesquisa, mobilizamos o estudo de Crenshaw (2002), em especial, a noção de interseccionalidade que busca entender o problema estrutural em nossa sociedade a respeito do racismo,

discriminações e outras formas de subordinação sofridas por mulheres em diversos contextos a partir das desigualdades de raças, classe, etnia e outras.

A partir das histórias de vida narradas pelas entrevistadas, procuramos compreender a realidade e os contextos sociais e de negação de direitos e reconhecimento de si, bem como suas potencialidades enquanto protagonistas de suas vidas, fazendo uma reconstrução das trajetórias das mesmas. Identificamos o que é comum nas histórias de vida dessas mulheres e o que há de diferente, analisando com os resultados de outras pesquisas que abordam a mesma proposta temática.

Segundo Pereira e Eugênio (2019), a narrativa torna-se uma potencialidade para a pesquisa em educação. Ao trazer à tona as concepções de sujeito e de sua formação como também para quem investiga uma reflexão de si. Os autores ainda pontuam que

a construção de narrativas tem como centralidade as definições que o sujeito atribui aos seus percursos. O sujeito revive a história que está nele ao retomar suas experiências no exercício de definição do que é real a seus olhos naquele momento. O ato de lembrar mobiliza bem mais do que os fatos vividos (p.3)

Com os caminhos metodológicos aqui explicitados nos debruçamos sobre a temática escolhida, reconstruindo as trajetórias das trabalhadoras-estudantes da EJA, junto a revisão teórica para embasamento de nossa análise a fim de contribuir para a pesquisa em educação por saber que não é possível sua quantificação ou esgotamento frente às variáveis possíveis de temáticas no campo educacional e sua diversidade de sujeitos e contextos.

Perfil social dos sujeitos da pesquisa

A partir do questionário socioeconômico apresentaremos um breve perfil das entrevistadas, identificando-as por “informantes” e a numeração que corresponde a ordem de entrevista, respeitando o sigilo de suas identidades.

Informante 1, 70 anos, mulher, solteira e autodeclarada preta. Matriculada no 3º módulo da EJA no turno da noite. Filha de pais com o ensino fundamental incompleto. Mãe de quatro filhos, reside em casa própria com uma filha, neta e genros. Aposentada por idade. Suas experiências de trabalho foram como empregada doméstica no interior. Afirma que não se matriculou na EJA por

causa do trabalho. O motivo para o retorno à escolarização foi a disponibilidade de tempo, e o medo de ficar deprimida por ficar sozinha.

Informante 2, 74 anos, mulher, viúva e autodeclarada parda. Matriculada no 3º módulo da EJA no turno da noite. Filha de pais com o ensino fundamental incompleto. Mãe de três filhos, reside em casa própria com um filho, filha, nora, netos, genros, e pessoas acolhidas pela mesma, totalizando nove pessoas. Aposentada por idade. Suas experiências de trabalho foram informais como babá e empregada doméstica. Afirma que não se matriculou na EJA por causa do trabalho. O motivo para o retorno à escolarização foi o desejo de terminar os estudos (educação básica) e de aprender mais, devido a dificuldade de leitura e escrita, pelo fato de esquecer as letras.

Informante 3, 49 anos, mulher, casada e autodeclarada branca. Matriculada no 3º módulo da EJA no turno da noite. Não sabe informar a escolaridade dos pais, pois perdeu sua mãe ainda criança e foi criada por parentes. Mãe de três filhos, reside em casa própria com os filhos. Está desempregada e recebe benefício social. Suas experiências de trabalho foram informais, em atividades rurais durante a infância e adolescência, e babá. Afirma que se matriculou na EJA por causa do trabalho, pois sente o desejo de ler e entender melhor as coisas. Deseja aprender mais e ler melhor pois esquece algumas palavras, e gostaria de ler livros, bíblia e outros.

Informante 4, 56 anos, mulher, casada e autodeclarada branca. Matriculada no 3º módulo da EJA no turno da noite. Filha de pais não alfabetizados. Mãe de uma filha, reside em casa própria com esposo. Exerce atividade remunerada informal como diarista. Suas experiências de trabalho foram informais como diarista. Afirma que não se matriculou na EJA por causa do trabalho. O motivo para o retorno à escolarização foi a disponibilidade de tempo, e desejo de aprender a ler e escrever.

Informante 5, 47 anos, mulher, solteira e autodeclarada preta. Matriculada no 3º módulo da EJA no turno da noite. Filha de mãe não alfabetizada, sobre o pai não sabe informar, pois não teve contato com o mesmo. Mãe de três filhos, reside em casa própria com um filho. Está desempregada, porém exerce atividade remunerada informal como faxineira, quando aparecem oportunidades. Suas primeiras experiências de trabalho foram informais como empregada doméstica, babá e faxineira. Já exerceu atividade remunerada

formal como costureira. Afirma que não se matriculou na EJA por causa do trabalho. O motivo para o retorno à escolarização foi a disponibilidade de tempo e desejo de autonomia para uso do celular e a necessidade de acompanhar a aprendizagem dos netos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nosso primeiro objetivo de pesquisa foi reconstituir a trajetória educacional das estudantes da EJA pontuando as principais dificuldades de permanência na escola. A partir dos relatos dados pelas cinco informantes, pudemos identificar que durante a infância e adolescência, período esperado para as primeiras experiências escolares, as informantes estavam inseridas em realidades parecidas em que a ausência de direitos básicos como alimentação, moradia e educação eram constantes. A falta de escolarização dos adultos responsáveis e as precárias condições de subsistência resultaram na falta de incentivo aos estudos, visto a necessidade de trabalhar para sustento da família.

É importante pontuar que essas mulheres estão inseridas em outros dados, que somados aos fatores de pobreza, por serem oriundas das regiões interioranas e periféricas, raciais, por serem a maioria pretas e pardas ainda são vítimas de discriminação e acabam por não terem suas infâncias e adolescência respeitadas. Durante a entrevista foi solicitado que falassem de suas infâncias, e as respostas revelaram aproximações nas trajetórias de vida dessas mulheres

Informante 1: Minha infância foi de trabalho. Trabalhei quando eu era pequena, brincava, mas era muito pouco, era mais trabalho.

Informante 2: Quando criança, aí eu brincava demais. Fiquei com pai, né? E madrasta. Aí eu sofri muito com minha madrasta. Aí então, era eu brincar porque eu era mais doidinha e sou, aí eu brincava. Brincava de boneca, de bola de grude, de papagaio. E ficava brincando.

Informante 3: É, foi ruim, né? Eu não gosto de falar, mas tá bom, foi ruim. Fui criada com tia e não tive muita oportunidade, trabalhava muito desde pequena e aí não foi muito bom pra mim.

Informante 4: Muito difícil. Eu vi que minha mãe vivia bebendo muito e a vizinha via quando eu saia com ela. Ela saia comigo pra beber, pra pedir esmola. E minha vizinha ficou com muita pena de mim e pediu pra tomar conta de mim. Ela deixou. Aí eu fiquei 9 anos na casa dela.

Informante 5: A minha infância foi muito difícil, né? Porque eu perdi minha mãe logo cedo, aí a gente foi se criar com vó, com os avós. Minha avó era viva ainda, os pais de minha mãe. Aí a gente pegou de ser criado por eles. Aí foi muita dificuldade naquele tempo, né? Não tinha água, encanada, não tinha energia, era candinheiro.

Foi possível notar que, em apenas uma das falas das entrevistadas, a infância foi retratada com momentos de brincadeiras e diversão, apesar de pontuar a falta de afeto sofrida por um parente. Na maioria, as falas se repetem ao retratar infâncias difíceis, com muito trabalho, e pouco ou nenhum recurso para uma vida digna, como relatou a informante cinco ao descrever a falta de água e energia em sua casa.

As lembranças narradas pelas entrevistadas sobre suas infâncias se assemelham bastante com aquelas retratadas na pesquisa de Barreto e Musial (2021). Elas são marcadas pela necessidade do trabalho infantil e pela ausência de recursos financeiros e violências advindas de familiares. A ausência de direitos básicos e proteção, cuidado e afeto dessas crianças e adolescentes, que não são vistas como crianças e sim pessoas adultas e carregam as responsabilidades do exercício laboral para sustento da família, são retratos da discriminação enraizada e naturalizada, tida como um fato da vida, devido a estrutura social desigual de nosso país (Crenshaw, 2002).

Além do exercício laboral, umas das principais causas para o afastamento precoce da escola, relatado pelas mulheres da pesquisa, está a maternidade, seguida da dificuldade de aprendizagem e desinteresse. Como visto na fala da informante 1: *“Eu fui (à escola), mas pouco aprendi, acho que o interesse era pouco. Depois eu cresci, aí eu namorei e engravidei e tive quatro filhos”*. A sequência desses fatos comprovam que os papéis socialmente construídos só reforçam as mulheres como frágeis e destinadas à maternidade e trabalhos domésticos. Esses mesmos resultados também foram encontrados na pesquisa Navaz, Sant’Anna e

Tesseler (2013) em que o motivo para o afastamento da escola refere-se às dificuldades em conciliar os estudos com as tarefas domésticas e familiares, sobretudo após o casamento e a gravidez.

Nosso segundo objetivo foi identificar as experiências de trabalho das estudantes da EJA. Encontramos atividades laborais comuns entre as informantes, em que o trabalho doméstico está presente desde a infância até os dias atuais na vida dessas mulheres, e o remunerado, de natureza informal, esteve atrelado às atividades de cuidado de pessoas e do lar. Mas uma vez reforçando os estereótipos femininos maternos e sobretudo o acúmulo de desvantagens sociais com o encurtamento de perspectivas futuras de suas independências (Navaz; Sant'Anna; Tesseler, 2013).

Encontramos nas falas das informantes que nas atividades laborais exercidas nas casas de famílias, essas mulheres, que eram adolescentes em suas primeiras experiências de trabalho, não tinham controle sobre suas rendas. Este fato é fortemente pontuado na pesquisa feita por Barreto e Musial (2021) em que afirmam ser “a substituição da escravidão desnudada pelo trabalho em troca de casa, comida e escasso dinheiro, quando existe dinheiro” (p. 14)

Informante 2: eu fui trabalhando, como babá, aos 13 anos, em casa de família, e não pagava nada não..

Informante 3: eu me lembro que quando eu fui trabalhar com 12 anos, cuidando de babá, pra patroa da minha irmã. Então, era assim, era como se fosse uma troca de favor. A gente, primeiro, cuidava. Aí, quando dava na quinzena, ela comprava sandália. Outra quinzena, ela comprava uma roupa. Outra quinzena, shampoo, condicionador, alguma coisa que precisasse. E assim ia.

A falta de escolarização dessas mulheres somada às realidades de pobreza vivenciada por suas famílias as levaram a se sujeitar a informalidade e ao subemprego, por serem uma força de trabalho mais barata, mais acessível, são as mais procuradas para esse tipo de atividade (Barreto; Musial, 2021). Isso comprova que a vulnerabilidade de gênero se intersecta à vulnerabilidade econômica, afetando essas mulheres em sua condição existencial, colocando-as mais uma vez em uma posição de subordinação (Souza, 2008).

As profissões citadas pelas informantes quanto a suas primeiras experiências

de trabalho e suas ocupações atualmente, se aproximam com as encontradas na pesquisa de Azevedo (2017), em que os cargos, em sua maioria, estão ligados ao âmbito doméstico: diarista, babá, cozinheira, costureira, auxiliar de limpeza. Esses trabalhos de natureza reprodutiva, não possuem um início nem fim, nem o devido reconhecimento e valorização, sendo associados a tipos de trabalhos predominantemente femininos. A mulher em sua dupla jornada concilia o cuidado de sua casa, e o de pessoas com a atividade laboral remunerada, que a invisibiliza pelo baixo prestígio dessas profissões (Eiterer; Dias; Coura, 2014).

É importante destacar os papéis de chefe de família exercidos até a presente pesquisa, pela maioria das entrevistadas. Estavam a todo momento encarregadas com a responsabilidade de sustento e cuidado de suas famílias. A informante 5, ao relatar suas experiências de trabalho, destaca alguns motivos que a levaram entrar no mundo do trabalho: *“Fui empregada doméstica. Trabalhei muito para criar meus filhos. Quando separei do pai deles, aí eu dizia, lá no interior não dá, não dá pra sobreviver, né? Eu tenho três filhos pequenos, aí eu vim pra cá, vim trabalhar aqui. Aí fui trabalhar de empregada doméstica, de babá. Trabalhei de empregada doméstica, trabalhei de babá, de faxineira, de costureira e tudo sei fazer um pouquinho”*.

Refletir sobre a atuação da mulher no mundo do trabalho e a conciliação com a escolarização, é o nosso terceiro objetivo. Para respondê-lo nos questionamos primeiramente: como essas mulheres, chefes de famílias, trabalhadoras informais, com precários salários, conseguiriam conciliar suas atividades diárias e responsabilidades com o retorno à escolarização?. Na pesquisa de Eiterer, Dias e Coura (2014) um questionamento parecido é feito, para responder às possíveis causas para um novo afastamento da escola. Frente a motivação encontrada para o retorno à escolarização, encontramos a vontade e necessidade de acompanhamento e competências para suporte a aprendizagens dos filhos.

Em contextos periféricos e desiguais, quando o assunto é TRABALHO, ele assume toda a centralidade da vida dessas pessoas, como “uma imposição decorrente das necessidades que se interpõem às precárias condições econômicas de vida de suas famílias” (Eiterer; Dias; Coura, 2014, p.12). A informante 3 ao relatar a dificuldade de conciliar o trabalho com estudo diz:

mesmo quando eu trabalhava, (estudar) me impedia de eu trabalhar, porque é assim, trabalhar e estudar não dá, porque

ainda tem filho, né? Aí fica muito difícil para a pessoa fazer três, quatro coisas ao mesmo tempo, porque assim, eu acho que a gente que é dona de casa, que trabalha, trabalha mais em casa do que no próprio emprego.

A informante 4 também coloca sobre essa questão

eu consigo ver o lado da necessidade, porque a gente tem a necessidade de trabalhar e botar o pão dentro de casa, aí se ele tá desempregado (marido), ele faz algum bico, que não é certo, e eu tô a 17 anos numa casa, ela me paga pouquinho, mas é certo, aí tô lá mas por isso né, porque se eu parar e ele parar, como vai ser?

A atuação da mulher no mundo do trabalho esteve atrelada, como já pontuado acima, à informalidade e à precarização ao longo do tempo, devido às desigualdades de gênero ditas como naturais, que acabam por afastar as mulheres do saber pela educação formal (Souza, 2008). As trajetórias de vida tendem a se repetir e a negação de direitos passa de mãe para filha, como relatado pela informante 2: *“a minha filha mais velha, ela trabalhou com a minha idade, com 12 anos, ela também parou na escola”*. É portanto necessário questionar a ideia de hierarquização e das atribuições socialmente estabelecidas, para que as desigualdades sociais sejam superadas.

O primeiro passo é questionar as injustiças, como pontua a informante 5 quando reflete sobre a atuação da mulher no mundo do trabalho: *“está evoluindo, mas nem tanto. Às vezes a gente trabalha tanto e não recebe o salário que tem que receber, então tem que avançar mais um pouco”*. Entendemos no entanto, que, as desigualdades salariais, a sobrecarga de funções, e a falta de prestígio profissional são difíceis de serem superados em contextos em que forças econômicas, culturais e sociais explícita e implicitamente moldam os percursos educacionais e profissionais das mulheres, as colocando em uma posição que acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação, como as desigualdades de raça e classe (Crenshaw, 2002).

Nossa pesquisa ainda mostra que nas trajetórias de vida das informantes não foi possível conciliar o trabalho doméstico e o remunerado com a escolarização para conclusão da educação básica, pois a sobrecarga de trabalho as impossibilitou de qualquer outra tentativa de se desvencilhar da realidade que as tomava. Somente na

fase adulta/idosa foi possível o retorno à escolarização, pelo fato de estarem com idade avançada, recebendo aposentadoria, ou por estarem em trabalhos informais ou desempregadas, recebendo benefícios sociais. Há também a disponibilidade de tempo, pela não necessidade de cuidado e sustento de outras pessoas. As informantes justificam seus retornos à escola pela vontade de aprender a ler e escrever, de usar o celular com autonomia e de acompanhar a aprendizagem dos netos.

Consideramos que à escolarização é um dos meios pelos quais essas mulheres encontram espaço de estudo e problematização de suas experiências de vida e de trabalho e, sobretudo, para a retomada do direito à educação, autonomia e vida digna (Godinho; Brandão; Noronha, 2017), que lhes foi tirado, *“eu queria aprender, voltar a estudar, para eu aprender a ler”* (informante 3). Há também a possibilidade de reinserção ou uma melhor colocação no mercado de trabalho, como coloca essa mesma informante quando questionada se a entrada na EJA foi devido ao trabalho: *“É, para voltar mesmo, trabalhar, ler, né?”*. O trabalho, portanto, é uma das motivações para a retomada dos estudos, como também apontam os resultados na pesquisa de Godinho, Brandão e Noronha (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos na pesquisa que a relação trabalho e educação na vida das trabalhadoras-estudantes da EJA é atravessada por dinâmicas que se aproximam em função dos fatores sociais, raciais e de gênero. Esses elementos são os meios pelos quais os caminhos desses sujeitos são traçados. Durante a infância e adolescência, período esperado para as primeiras experiências escolares, as informantes estavam inseridas em realidades parecidas onde a ausência de direitos básicos como alimentação, moradia e educação eram constantes. A falta de escolarização dos adultos responsáveis e as precárias condições de subsistência resultaram na falta de incentivo aos estudos, visto a necessidade de trabalhar para sustento da família.

O trabalho doméstico esteve presente desde a infância na trajetória dessas mulheres. Além do exercício laboral, umas das principais causas para o afastamento precoce da escola, relatado pelas mulheres da pesquisa, está a maternidade, seguida da dificuldade de aprendizagem e desinteresse. A falta de escolarização somada às realidades de pobreza vivenciada por suas famílias as levaram a se

sujeitar à informalidade e ao subemprego: diarista, babá, cozinheira, costureira, auxiliar de limpeza.

Somente na fase adulta/idosa foi possível o retorno à escolarização, visto a disponibilidade de tempo, e a não necessidade de cuidado e sustento de outras pessoas. O retorno à escolarização é um dos meios pelos quais essas mulheres encontram espaço de estudo e problematização de suas experiências de vida e de trabalho, além da retomada do direito à educação, autonomia e vida digna, que lhes foi tirado. Como também a possibilidade de reinserção e melhor colocação no mercado de trabalho. As informantes justificaram seus retornos à escola, principalmente, pela vontade de aprender a ler e escrever, de usar o celular com autonomia, e de acompanhar a aprendizagem dos netos.

A pesquisa contribuiu para os estudos sociais ao dar destaque aos sujeitos invisibilizados socialmente como mulheres e crianças, sobretudo nos contextos de vulnerabilidade social. Destacando os direitos negados a essas pessoas, como: educação, saúde, alimentação, moradia, lazer e outros. A fim de problematizar a estrutura social desigual de nosso país, a pesquisa mostrou que a desigualdade de gênero se intersecta com as desigualdades raciais e de classe, por exemplo.

O trabalho, abordado na presente pesquisa como uma atividade humana central, sobretudo para a subsistência familiar, foi um dos conceitos problematizados que contribuiu para entender as naturezas formal e informal e seus atravessamentos desde cedo nas trajetórias de vida de mulheres, destacando o trabalho doméstico desvalorizado, com dupla jornada: remunerado e não remunerado, associado a atividade feminina, devido aos estigmas maternos, e de cuidado.

Além disso, essa pesquisa torna-se necessária para a prática pedagógica, pois trata os sujeitos escolares e seus contextos sociohistóricos como centro das problemáticas em aula. Na Educação de Jovens e Adultos, o estudante e a estudante está retomando muitas vezes uma parte da sua vida que foi negada ou tirada que é a escolarização, e ele/ela precisa encontrar nela significados que os levem a refletir sobre sua constituição enquanto sujeito de direitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L.

(Orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 19-50.

AZEVEDO, J. F. **Da maternagem aos bancos escolares: desafios da permanência de mulheres/mães na EJA.** 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba.

BARRETO, Maria Cláudia Mota dos Santos; MUSIAL, Gilvanice Barbosa da Silva. **Mulheres da classe trabalhadora na eja: processos de escolarização e conciliação com o trabalho.** Trabalho Necessário, Niterói, v. 19, n. 40, p. 216-238, set/dez. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico. Brasília, 2023.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar do Ensino Superior 2021: Resumo Técnico. Brasília, 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 13 Jul. 2023.

EITERER, Carmem Lucia; DIAS, Jacqueline D'arc; COURA, Marina. **Aspectos da escolarização de mulheres na EJA.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 32, n. 1, 161-180, jan./abr. 2014.

GODINHO, A. C. F.; BRANDÃO, N. A.; NORONHA, A. C. M. de. **Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na Educação de Jovens e Adultos (EJA).** Inter-Ação, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 20-37, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i1.43832>.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo. 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>> Acesso em: 15 Julh. 2023.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>> Acesso em: 22 Agost. 2023.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012>> Acesso em: 22 Agost. 2023

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. (In) Maria Cristina Marquezine, Maria Amélia Almeida, Sadao Omote (org.). Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21 Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NARVAZ, M. G.; SANT'ANNA, S. M. L.; TESSELER, F. A. **Gênero e Educação de Jovens e Adultos**: a histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder.

Diálogo, Canoas, UnilaSalle Editora, n. 23, p. 93-104, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/917>. Acesso em 01 de maio de 2019.

PEREIRA, Elder Bruno Fernandes; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **Narrativas de Formação: Potencialidades e Possibilidades para a Pesquisa em Educação.** Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). V.8 - N.18 - Maio-Agosto de 2019.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Educação, Trabalho E Socialização De Gênero: Quando ser Mulher pesa mais na balança da Desigualdade Social.** EDUCAÇÃO & LINGUAGEM. ANO 11, N. 18, 170-185, JUL.-DEZ. 2008.

Anexo 1

UM ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES E O EXERCÍCIO LABORAL DAS TRABALHADORAS-ESTUDANTES DA EJA Pesquisadora: Elisama da Paixão Gomes

ELABORAÇÃO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Manzini (2003) - Esquema de roteiro

Perguntas	Tema	Ação verbal/ ação dirigida a alguém	Para que quero saber isto
1. Você pode falar como foi sua infância?	Memória	Identificar as experiências na infância	Identificar possíveis fatores sociais de carências
2. Você foi a escola enquanto criança ou adolescente?	Escolarização	Identificar experiências escolares	Identificar as motivações para o afastamento
3. O que dificultou sua permanência na escola?	Escolarização	Identificar experiências escolares	Identificar as motivações para o afastamento
4. Quais foram suas primeiras experiências de trabalho ?	Trabalho	identificar atividades laborais	Identificar em quais atividades mais atuava: domésticas, informais ou assalariada
5. Você exerce alguma atividade remunerada atualmente? Você poderia descrevê-la?	Trabalho	identificar atividades laborais	Identificar em qual atividade atua
6. Qual a sua renda financeira atualmente?	Trabalho	Identificar renda familiar	identificar renda familiar de sustento
7. Como está constituída sua família atualmente?	Família	Identificar os membros da família	Identificar o tipo de família socialmente constituída

8. Quais pessoas na sua casa exercem alguma atividade remunerada ?	Família	Identificar renda familiar	Identificar como se organiza as obrigações financeiras na família
9. O que te motivou a retornar a escola ?	Escolarização	Identificar projeções para o futuro	Identificar motivações para o retorno à escola
10. Quais dificuldades você enfrenta para conciliar o trabalho com a escola?	Escolarização e trabalho	identificar dificuldades para permanência na escola	identificar as dificuldades que se apresentam durante a escolarização
11. De que forma você vê a atuação da mulher no mundo do trabalho ?	Trabalho	identificar as desigualdades trabalhistas	identificar as desigualdades salariais entre homens e mulheres, e entre mulheres pontuando cor e classes

ANEXO 2

Um estudo sobre as trajetórias escolares e o exercício laboral das Trabalhadoras-Estudantes da EJA

Pesquisadora: Elisama da Paixão Gomes.

Campo de Pesquisa: Escola Municipal Presbítero José Bezerra

Localização: Av. Norte Miguel Arraes de Alencar, 7636 - Macaxeira, Recife - PE, 52090-260

Questionário Socioeconômico:

1.Nome:

2.Idade:

3.Série/Módulo:

4.Cor/Raça:

Branca

Preta

Amarela

Parda

5.Sexo:

Masculino

Feminino

Não declarado.

6. Identidade de gênero:

Cisgênero

Transgênero

Não Binário.

7. Estado civil: solteiro casado divorciado.

8. Você trabalha?

Sim Não aposentada

9. Seu emprego é:

Formal Informal.

10. Você se matriculou na EJA por causa do trabalho?

Sim Não

11. Tem filhos? Sim Não

12. Você participa de alguma Instituição religiosa?

Sim Não

13. Você mora em casa própria ou alugada?

Própria Aluguel

14. Você mora:

Com meus pais.

Com meu companheiro(a)/ cônjuge

Sozinho(a)

Com meu/minha filho(a) Quantos (1)

Outros, neta e genro da filha

15. Escolaridade:

Pai:

Nível Fundamental Incompleto.

Nível Fundamental Completo.

Nível médio incompleto

Nível médio completo.

Nível superior incompleto.

Nível superior completo.

Mãe:

Nível Fundamental Incompleto.

Nível Fundamental Completo.

Nível médio incompleto

Nível médio completo.

Nível superior incompleto.

Nível superior completo.

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Um estudo sobre as trajetórias escolares e o exercício laboral das Trabalhadoras Estudantes da EJA, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Elisama da Paixão Gomes, residente na Rua Alfredo Gama, 29-A, Casa Amarela, Recife, cep: 52070570, celular (81) 995635587, email: elisama.paixao@ufpe.br. e está sob a orientação da profa. Daniela Maria Ferreira, Telefone:(81) 997047975, e-mail daniela.maria@ufpe.br

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** Essa pesquisa tem por objetivo geral analisar a relação entre as trajetórias escolares das estudantes da EJA e suas conexões com o exercício laboral. Queremos compreender a relação entre trabalho e educação na vida das trabalhadoras-estudantes da EJA. Como objetivos de pesquisa, pretendemos: 1) reconstituir a trajetória educacional das estudantes da EJA pontuando as principais dificuldades de permanência na escola; 2) identificar as experiências de trabalho das estudantes da EJA e 3) refletir sobre a atuação da mulher no mundo do trabalho e a conciliação com a escolarização. Será aplicado um questionário com perguntas diretas e de múltipla escolha e entrevistas semi-estruturadas, previamente formuladas com abordagem livre, que poderá ser aplicada de forma presencial ou mediada pela tecnologia (via Google Meet ou Whatsapp). O tempo de duração previsto para entrevista será de 40 minutos, podendo se estender caso necessário.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, gravações, áudios ou fotos, ficarão armazenados em drive institucional na pasta de arquivo intitulada “entrevista”, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**



(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Estudo sobre as trajetórias escolares e o exercício laboral das Trabalhadoras Estudantes da EJA, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante: _____